PROLETÁRIOS DE TODOS OS PAÍSES,
UNÍ VOS!

A CLASSE OPERÁRIA

ORGÃO CENTRAL DO PARTIDO COMUNISTA DO BRASIL

Nº 114 MARÇO/ABRIL 1977

NESTE NÚMERO:

OS COMUNISTAS E OS ÚLTIMOS ACONTECIMENTOS POLÍTICOS

Comunicado do Comitê Central
do Partido Comunista do Brasil

O país vive uma nova e aguda crise política. O ditador de plantão, Ernesto Geisel, fechou o Congresso que recusara aprovar sem emendas o projeto governamental de reforma do Judiciário e, em seguida, utilizando o Ato Institucional nº 5, adotou medidas ilegais e arbitrárias intituladas de reformas políticas. Essa atitude provocou protestos e ampla condenação da opinião pública, inconformada com tão abusivas decisões. O Partido Comunista do Brasil, que desde há muito vem denunciando o caráter fascista e entreguista do governo, junta sua voz à das forças antiditatoriais, à dos democratas e patriotas, no repúdio às chamadas reformas e reafirma sua orientação de que, ante a escalada da reação, impõe-se a união de todos para derrubar a ditadura e conquistar a liberdade política.

Desde o golpe do 1º de abril de 1964 os militares estabeleceram o seu monopólio do Poder político, que exercem através de férrea ditadura. Manobraram de diferentes maneiras para impedir que dele participassem mesmo as correntes reacionárias que os ajudaram a depor o governo Goulart. Tinham em vista aplicar uma orientação adredemente formulada na Escola Superior de Guerra por um punhado de oficiais de alta patente estreitamente vinculados ao Pentágono. A aplicação de tais diretivas de cunho antinacional e antipopular demandava a implantação de um regime discricionário. Impuseram ao país uma ditadura militar-fascista que, entretanto, procuraram encobrir com grosseiros arremedos de instituições democráticas. Admitiram a existência do Parlamento, de dois partidos políticos, de eleições periódicas, de uma Constituição de fachada. Mas o Parlamento está privado de suas atribuições principais, não pode fazer valer prerrogativas que contrariem a vontade dos ditadores. Os partidos políticos não têm personalidade própria. A ARENA é fundamentalmente um conglomerado de políticos obedientes ao Palácio do Planalto e o MDB, ainda que em seu seio atuem elementos democráticos e patrióticos, vê-se forçado a respeitar as regras do jogo impostas pelos donos do Poder. Aqueles que ultrapassam os limites permissíveis são severamente punidos. Quanto à Constituição, outorgada por uma Junta Militar, nada representa. Acima dela paira o AI-5 que dá poderes absolutos ao chefe do Executivo. Quem realmente manda e desmanda são os militares, entrosados no rígido esquema da denominada segurança nacional que outra coisa não é senão a repressão sistemática às liberdades e às massas populares. Sempre que os artifícios pretensamente democráticos se desgastam e tornam vulnerável o Sistema, como ocorreu com as eleições de novembro

de 1974 e agora com a recusa à aprovação de um projeto bitolado, os generais investem contra os opositores e tratam de substituir por outros os artifícios superados, fechando as brechas utilizadas pelas forças de oposição. As reformas atuais obedecem a essa lógica que conduz, inevitavelmente, ao isolamento e ao desmascaramento do regime militar-fascista.

As medidas adotadas por Geisel são simples remendos no Sistema em crise. Era evidente que a manutenção do dispositivo que assegurava eleições diretas para governadores em 1978 não poderia ser tolerado pelos generais. Em face do descontentamento crescente e do fracasso da política governista, os candidatos da ARENA seriam fragorosamente derrotados. Boa parte dos governadores de Estados sairiam das fileiras do MDB. O mesmo pode-se dizer das eleições para o Senado. Tais resultados não alterariam em essência a natureza fascista do regime atual, porque os emedebistas eleitos teriam que se subordinar ao bastão de mando dos militares. Mas afetariam, em certa medida, o seu monopólio do Poder político. E isto eles não podem admitir. Daí as reformas decretadas pelo Executivo: as eleições para governadores serão indiretas, com colégio eleitoral arranjado de modo a garantir a vitória dos candidatos da ARENA, ou seja, dos nomes indicados pelo Palácio do Planalto. Também indiretas serão as eleições para um terço do Senado o que significa que vinte das vinte e uma vagas caberão aos arenistas. Para o outro terço do Senado, de escolha direta, foi introduzido o uso de sublegendas, recurso destinado a carrear matreiramente votos para o desprestigiado partido oficial. Desse modo, a minoria – e minoria insignificante – se transformará em maioria e continuará o predomínio do poder político em mãos das Forças Armadas. No que respeita ao pleito direto para deputados, aplicar-se-á a famigerada Lei Falcão que priva os postulantes de usar o rádio e a televisão na propaganda eleitoral, impossibilitando o debate de temas de interesse nacional e evitando que os candidatos de oposição possam conquistar maiores parcelas do eleitorado. Em suma: as reformas de Geisel – que contêm outras proposições com idênticos fins – visam a restringir mais ainda a atividade política, a impedir manifestações de descontentamento popular em constante crescimento, a garantir a continuidade do monopólio do Poder pelos generais.

Mas semelhantes atitudes não são sinal de força, refletem, ao contrário, debilidade e profundo isolamento. As medidas discricionárias, levantaram uma onda de indignados protestos, até mesmo de setores reacionários e conservadores que sempre apoiaram o regime. Um senador arenista chegou a dizer que "as baterias contra a subversão e a corrupção voltaram-se agora contra tudo e todos que aparentem empecilhos à escalada do infinito". O inconformismo lavra também entre serviçais da ditadura no exercício da governança de vários Estados. De tal modo ecoou forte o repúdio ao procedimento oficial que fontes de informações palacianas começaram a insinuar a possibilidade de reforma das reformas... Os generais acham-se acuados e mais desmascarados que nunca. Quiseram dar uma demonstração de força e revelaram toda a fraqueza da ditadura militar-fascista. Sua conduta, visceralmente contrária à liberdade, atraiu a repulsa geral. Acirraram-se as contradições internas. A crise vai prosseguir em nível cada vez mais agudo. Contudo, eles estão decididos a continuar no caminho da violência contra o povo, da traição aos interesses nacionais. É o que indicam as tentativas de reformulação das leis de segurança e de imprensa com o propósito de agravar seus dispositivos punitivos, e o que demonstram também os indícios de novas

alterações no quadro político, sobretudo no que respeita à organização partidária vigente, que pretendem adequá-la às suas conveniências.

Não há outro caminho para pôr cobro aos desmandos dos generais: é preciso unir-se, impulsionar a frente-única democrática e patriótica e lutar das mais diferentes formas para acabar com a ditadura militar-fascista, erguendo bem alto a bandeira da Constituinte livremente eleita, da abolição de todos os atos e leis de exceção, da anistia ampla. A nação não pode continuar garroteada pelas Forças Armadas. Treze anos de governo despótico levaram o Brasil a uma gravíssima situação, à maior crise de sua história. Os trabalhadores sofrem duramente o desemprego e o arrocho salarial. No campo, onde a terra é dominada por grileiros e latifundiários, impera a mais negra miséria. O ensino tornou-se caro e ineficiente. As cidades abrigam enormes contingentes da infância abandonada. Somente os grandes monopólios, particularmente os estrangeiros, mostram-se satisfeitos. Os brasileiros trabalham, como vassalos, para pagar dívidas e assegurar elevados lucros aos sanguessugas da finança e dos trustes internacionais, enquanto patriotas são assassinados, torturados e encarcerados por levantarem sua voz em favor dos direitos do povo e da soberania da Pátria. É impossível livrar o país da crise e das dificuldades que atravessa, realizar as mais sentidas aspirações de liberdades das grandes massas, sem varrer do Poder esse bando de assassinos, de perversos e indesejáveis tutores da nação. Que se levantem, mais fortemente ainda, os protestos contra as reformas de Geisel; que se reclamem melhores salários, a rebaixa do custo de vida e se desenvolva em nível mais elevado a luta dos camponeses pela terra; que se incrementem as ações dos estudantes em prol de sua livre organização e justas reivindicações; que se conquiste na prática o direito de reunir, de criticar, de debater, de fazer greves e passeatas, de expressar, sem censura prévia, o pensamento; que se combata a desnacionalização crescente da economia do país. E que vivam e floresçam os ideais da guerra popular! O dever de todo patriota e democrata, de todos os que não querem viver pisoteados pelo tacão dos militares fascistas, é tomar a iniciativa e desenvolver as ações de massa até transformá-las num poderoso movimento de rebeldia popular e nacional. A vitória será alcançada, sem dúvida alguma!

Abril de 1977
O Comitê Central do Partido Comunista do Brasil

ERRATA: Na Declaração Conjunta dos Partidos Marxistas-Leninistas da América Latina, publicada em A CLASSE OPERÁRIA nº 112, de janeiro deste ano, há um ligeiro engano. Onde se lê: Se bem que seja certo que o inimigo principal varia de acordo com as distintas zonas do mundo, seria um grande erro, *em certas circunstâncias*, descuidar da ameaça representada pela outra superpotência, etc., deve-se ler assim: Se bem que seja certo que o inimigo principal varia de acordo com as distintas zonas do mundo, seria um grande erro, *nestas circunstâncias*, descuidar da ameaça representada, etc.

MARCO RELEVANTE DAS LUTAS POPULARES

Neste mês de abril comemora-se o 5º aniversário da resistência armada do Araguaia, acontecimento de extraordinária significação na vida do país. Desfraldando a bandeira da liberdade e dos direitos do povo, moradores do sul do Pará enfrentaram o banditismo de poderosas forças da reação e, com sua bravura e seu sangue, escreveram uma das mais belas páginas da história das lutas populares no Brasil. Não temeram sacrifícios, jamais vacilaram nos propósitos que os animavam. Indicaram, com seu exemplo, o caminho da libertação nacional e social, o caminho da guerra popular. A ditadura militar-fascista tudo fez para impedir que essa intrépida resistência se tornasse conhecida das grandes massas da população, temendo a propagação da chama revolucionária. Mas a cada dia, o feito dos guerrilheiros do Araguaia se agiganta e enche de orgulho os brasileiros que nele vêem a fibra do nosso povo, capaz de grandes e heróicas ações por sua liberdade e independência.

A resistência armada surgiu em consequência das arbitrariedades e violências da ditadura. Zona cobiçada por grileiros e latifundiários, o sul do Pará, desde meados da década de 60 e princípios da de 70, era alvo de múltiplas ações espoliativas dos poderosos do campo, apoiados na polícia, na justiça e até nas Forças Armadas. Antigos moradores que, com seu duro trabalho, haviam desbravado a floresta, suportando a malária e outras enfermidades, a fim de usufruir da terra os meios de subsistência começaram a ser perseguidos e expulsos das glebas que ocupavam. Com o início da construção da Transamazônica esse processo acelerou-se. Logo, logo ficou claro que a estrada milionária tão decantada pela propaganda oficial não serviria aos lavradores e aos pobres do interior, mas a outros interesses – os dos grandes capitalistas, nacionais e estrangeiros. As influentes companhias agropecuárias, organizadas com incentivos fiscais, apoderavam-se de extensas áreas sem considerar nelas a existência de posseiros lá radicados há muitos anos. O primeiro passo que davam era, precisamente, organizar a expulsão dos lavradores, utilizando pistoleiros, intimações policiais, depredação de roças e outros recursos condenáveis. Toda a margem esquerda do Araguaia passou a ser atingida pela ambição desmedida dos grileiros e dos agentes de poderosos grupos econômicos. As Forças Armadas, sentindo que crescia o descontentamento e se avolumavam os protestos dos expoliados, realizaram em fins de 1970, aparatosa manobra militar na zona visando a amedrontar os que se opunham à grilagem e defendiam seu direito à terra. Mas a vontade de resistir aumentava entre os lavradores, cada vez mais revoltados com as injustiças que sofriam.

No dia 12 de abril de 1972 a ditadura iniciou uma operação em larga escala contra os moradores do sul do Pará, em particular contra as pessoas que tinham vindo das cidades,

já há alguns anos, e que viviam e trabalhavam em condições idênticas às do povo da região. A princípio, o Exército pensava que bastaria uma demonstração de força e a punição exemplar de pretensos subversivos para quebrar o ânimo dos camponeses e obrigá-los ao conformismo. Acaso, não estavam os militares acostumados a desbaratar concentrações populares nas cidades, investindo armados até os dentes contra manifestantes desarmados? Não custou muito, porém, para se darem conta do seu equívoco. No Araguaia surgia uma nova e mais alta forma de combate contra a ditadura, em defesa do povo pobre do interior. Ao invés de debandarem e submeterem-se após a primeira investida do Exército, inúmeros moradores decidiram retirar-se para a mata e iniciar a resistência armada. Criaram destacamentos guerrilheiros estreitamente ligados às massas; traçaram uma orientação militar condizente com as características da área; armaram-se como puderam com velhas carabinas e armas de caça; lançaram um programa de 27 pontos contendo as reivindicações mais sentidas da região; e chamaram os homens do campo a se organizar na União pela Liberdade e pelos Direitos do Povo. Frustradas suas intenções, as Forças Armadas montaram, apressadamente, uma segunda grande campanha, iniciada em fins de agosto. Mobilizaram cerca de 15 mil homens, que cometeram toda sorte de arbitrariedades contra a população do sul do Pará, Goiás, Mato Grosso e Maranhão, no afã de destruir as guerrilhas. Mas passados dois meses de intensa campanha tiveram que se retirar sem conseguir os objetivos programados. Voltaram mais tarde, numa terceira grande campanha apoiada em milhares de soldados e sob a supervisão de técnicos estrangeiros que durou vários meses. Então foram ainda mais brutais. Prenderam milhares de camponeses, destruíram seus casebres, queimaram suas roças, torturaram e assassinaram pessoas simples do povo. Fuzilaram sumariamente feridos e prisioneiros. E até hoje conservam-se na periferia da área conturbada, fazendo o controle da população e dos meios de transporte. Vez que outra atacam os posseiros em luta por seus direitos. Os guerrilheiros resistiram organizadamente cerca de três anos, assestaram inúmeros golpes nos agressores. Em diferentes ocasiões puseram em fuga os militares. Liquidaram em combate dezenas de oficiais e soldados e feriram muitos outros. Abalaram o moral da tropa. E justiçaram pistoleiros a serviço dos grileiros e latifundiários. Contaram com amplo apoio e a simpatia calorosa da população local assim como de vastas áreas circunvizinhas. Nessas ações, correu também o sangue generoso dos resistentes. Caíram valentes lutadores, como Elenira Rezende, João Carlos Haas, Maria Lúcia Petit, Bergson Gurjão, Kleber Gomes, José Carlos, Alfredo, Nunes, Lúcia Maria da Silva, Nelson Dourado e outros. Os combatentes do povo realizaram gloriosa e imorredoura façanha: desafiaram a prepotência dos militares, que são o sustentáculo principal da reação, fustigaram-lhe a empáfia e mostraram que se pode e se deve lutar de arma nas mãos contra os piores inimigos da liberdade e da independência nacional.

A repercussão positiva da luta guerrilheira do Araguaia alcançou largos setores das massas camponesas em todo o país, sobretudo nas regiões mais próximas. Depois de sua eclosão, inúmeros têm sido os casos em que os posseiros, ameaçados de despejo, recorreram a resistência armada, valendo-se do exemplo de seus irmãos do sul paraense. Em vários lugares efetuaram ações com características típicas de luta guerrilheira. Ao invés da aceitação, como fato consumado, das ordens de expulsão da terra ou do inconformismo sem consequência ante a brutalidade policial, os camponeses começaram a resistir e a responder à violência dos reacionários com a justa violência das massas. O Exército apelou para a demagogia, efetuando AÇÕES ACISOS e a distribuição de alguns

títulos de propriedade da terra por intermédio do INCRA. Mas depois do Araguaia, o Exército e o INCRA concentraram o ódio do povo. Além disso, as Forças Armadas se mobilizam constantemente, a serviço dos espoliadores, para agredir os posseiros, como ocorreu na PA-70. Recentemente, patrulhas da Polícia Militar, orientadas pelo Exército, tentaram desalojar os lavradores da zona do igarapé dos Perdidos, área em que a guerrilha atuou durante vários anos. Os lavradores resistiram e abateram alguns dos agressores numa ação de emboscada. Em resposta, o Exército mandou prender centenas de camponeses, homens e mulheres, levando-os amarrados para São Geraldo onde foram selvagemente castigados. As lutas no campo não cessaram nem cessarão. Adquirem diferentes modalidades, mas a ação armada vai se tornando uma constante.

A bandeira do Araguaia jamais será arriada. Por ser a bandeira dos pobres e espoliados do campo, continua tremulando nas mãos dos lavradores, dos injustiçados, dos que almejam a posse da terra como um bem ambicionado. Mas ela é também a bandeira dos trabalhadores e das massas populares das cidades que aspiram à liberdade e a um regime de progresso, justiça social, cultura e bem-estar, regime que só poderá ser alcançado através da luta armada, da destruição radical das forças da reação e do imperialismo.

A escalada da ditadura militar-fascista prova, ainda uma vez, o quanto foi e é justo o caminho da resistência pelas armas. Nestes treze anos de regime despótico, os generais não se detiveram ante nenhum princípio moral, nem se abalaram com a oposição moderada de setores das classes dominantes. Prometeram várias vezes efetuar uma "abertura política". Mas em seguida tiravam a máscara e prosseguiam no "endurecimento" do Sistema e na perseguição desabrida aos patriotas e democratas. O que tem desgastado e enfraquecido o seu regime são as lutas do povo. Com suas ações destemerosas e continuadas, as massas populares levaram a ditadura a um isolamento acentuado, golpearam o Poder dos generais que se encontra em crise e fadado à completa derrota. A resistência do Araguaia é parte integrante dessa longa e heróica jornada dos brasileiros para liquidar o despotismo, defender a liberdade e a independência da Pátria. Foi a forma mais alta de luta, a que mais fundo golpeou o regime fascista, abrindo novas perspectivas ao movimento de libertação nacional. Tornou ainda mais evidente que somente seguindo a senda da guerra popular, a maioria da nação poderá ver concretizadas suas aspirações mais sentidas.

E que isto é realizável, não há dúvida. A epopéia do Araguaia é um exemplo vivo de que se podem enfrentar os inimigos, por mais poderosos que sejam, e numa luta prolongada conquistar a vitória. Ali, uma centena de guerrilheiros, dispondo de armas precárias e sem muita experiência militar, mas firmemente apoiados nas massas pobres do campo, pôde resistir organizadamente por vários anos às investidas de forças tremendamente superiores. Que ocorrerá quando ações como estas se multiplicarem em diferentes pontos do país? A estratégia da guerra popular é invencível, se se persiste na luta, se se aprende com a prática, se não se temem os reveses e os sacrifícios. A chama acesa ora resplandece, ora se amortece, expande-se ou retraí-se, recua e logo avança, num processo contínuo e imbatível.

Cinco anos se passaram desde o 12 de abril de 1972. A ditadura não teve sossego, os generais estão acossados pela crescente combatividade das forças democráticas e

patrióticas, Hoje, mais nitidamente, pode-se ver os contornos da estrada real que, uma vez palmilhada, conduzirá ao triunfo a causa da emancipação nacional e social. Os heróis do Araguaia jamais serão olvidados pelo nosso povo. Seu sangue não correu em vão. Eles abriram clareiras luminosas no caminho que se desbrava para a vitória da revolução brasileira.

DIFÍCIL SITUAÇÃO DA CLASSE OPERÁRIA

Os sucessivos governos dos generais vêm aprimorando desde 1964 uma política antioperária que tem como ponto de partida o crescimento da acumulação capitalista apoiada principalmente no elevado grau de exploração da mão de obra. O caminho do desenvolvimento econômico apregoado e aplicado pelos militares consiste em garantir altos lucros aos investidores estrangeiros, estimular a concentração do capital e facilitar a expansão da grande propriedade territorial. A classe operária está submetida a uma feroz exploração e a uma degradação constante de suas condições de vida, agora agravadas com a crise que atinge gravemente o país.

PROGRESSIVA REDUÇÃO DOS SALÁRIOS

O "arrocho salarial" ainda é o meio mais importante de que se reveste a exploração dos trabalhadores. Os índices de aumento dos salários continuam sendo ditados pelos tecnocratas do regime, que se baseiam em referenciais estatísticos manipulados, bastante afastados da realidade.

Os salários vêm sendo contidos fortemente durante estes treze anos de ditadura. Desde 1964, até agora, ano após ano, o valor real dos salários diminui. Comparativamente a 1963, a queda é bastante sensível. Este ano, por exemplo, os reajustes salariais permitidos pelo governo não podem ultrapassar 43%. No entanto segundo os cálculos efetuados pelo DIESE, o aumento do custo de vida situa-se em torno de 66%. Registra-se assim uma perda de 23% no valor dos salários. Recentemente, o Sindicato dos Metalúrgicos de São Bernardo e Diadema, em São Paulo, através de uma assembléia geral, reivindicou um aumento de 210% no salário mínimo, que julgava indispensável para colocá-lo ao par do atual custo de vida.

A rebaixa efetiva dos salários se acentua mais ainda com o processo inflacionário em marcha. Isto porque os reajustes anuais se fazem para compensar formalmente a deterioração verificada no decorrer dos doze meses anteriores. Acontece, porém, que já no mês seguinte ao do reajuste, os trabalhadores têm diante de si a elevação dos preços dos bens de consumo determinado pela inflação. Em três ou quatro meses o aumento conseguido é absorvido. Daí por diante, e em escala crescente, a elevação do custo de vida agrava brutalmente a situação dos trabalhadores.

OUTRAS FORMAS DE EXPLORAÇÃO

Não satisfeitos com a espoliação da classe operária por meio do arrocho salarial, os capitalistas utilizam outros recursos para intensificar a exploração. Assim, nas épocas dos reajustes salariais, demitem grande número de trabalhadores e recontratam novos com salários menores. Esta "rotatividade da mão de obra" é facilitada pela instituição do chamado Fundo de Garantia por Tempo de Serviço que eliminou a estabilidade no emprego.

Outro meio muito usado é o alargamento da jornada de trabalho mediante as horas extras. Os operários, ante as dificuldades decorrentes do arrocho salarial, sujeitam-se a trabalhar extraordinariamente um tempo que, às vezes, é quase o dobro da jornada normal. Muitos entram na fábrica às 6 horas da manhã e só deixam o serviço às 21 horas. Em janeiro deste ano, a Volkswagen, trabalhou 800 mil horas em regime de jornada extraordinária. Se tal não tivesse ocorrido a empresa teria que contratar nada menos de 3 300 novos empregados. Aumentando a jornada de trabalho, os capitalistas deixam de admitir mais operários e com isto livram-se de maiores encargos trabalhistas e sociais.

As empresas, cada vez mais, substituem antigos operários por mulheres e jovens, pagando-lhes salários bem inferiores aos daqueles trabalhadores. Os operários jovens, não qualificados, são explorados em alto grau, ou quando têm uma qualificação profissional são admitidos numa categoria inferior à sua. Por exemplo: trabalham como oficiais mas são registrados como meio oficiais.

AUMENTA O DESEMPREGO, AGRAVAM-SE AS CONDIÇÕES DE EXISTÊNCIA

Com a crise que se estende a todos os ramos de atividade, vem crescendo o número de desempregados. Na ferrovia do aço foram dispensados 4 880 trabalhadores. Segundo o Sindicato da Indústria de Auto-peças, até março deste ano já haviam sido demitidos no setor automobilístico 3 700 operários. Na construção civil, o número alcança a casa dos 100 mil. Em todos os ramos industriais, aumenta o rítmo de dispensa de empregados. Isto cria uma situação difícil para a classe operária, pois no Brasil não existe ajuda ao desempregado. Além disto, o exército de reserva dos sem-trabalho é relativamente grande, o que torna mais problemática a obtenção de novo emprego. Os capitalistas aproveitam-se dessas dificuldades para forçar mais ainda a baixa dos salários e para exigir mais produção dos que trabalham.

Todo esse rosário de sofrimentos é agravado pelas péssimas condições de existência da maioria dos trabalhadores. Eles habitam casebres e favelas na periferia das grandes cidades, onde não há rede de esgotos e muitas vezes nem água encanada. As doenças alastram-se, as epidemias são constantes e quase impossíveis de serem contidas. A tuberculose ceifa milhares de vidas por ano. Em São Paulo, a região mais industrial do país, são chocantes os altos índices de mortalidade infantil. O sistema de transportes é deficiente, faltam escolas, são constantes as "batidas" da polícia contra as massas pobres e desvalidas. Em consequência, aumenta também a criminalidade e o número de menores abandonados.

REPRESSÃO E LUTA

Para esmagar a resistência dos explorados, a ditadura militar-fascista instituiu um verdadeiro cerco policial nas fábricas e nos bairros residenciais operários. Os generais têm colocado permanentemente a classe proletária na mira de seu ataque. Os menores movimentos de protestos são abafados com incrível brutalidade. Em cada empresa, é grande o número de "informantes" que vigiam os passos dos trabalhadores, sendo comum a dispensa de operários sem qualquer motivo aparente, "dedado" pelo serviço de informação da empresa. Nos sindicatos, os policiais anotam ostensivamente o nome dos que reivindicam com maior firmeza seus direitos. Também é comum a prisão dos mais combativos nas assembléias sindicais, logo que deixam a séde do Sindicato. A ditadura continua a intervir arbitrariamente nas organizações de classe e procura destruir as organizações independentes de massa, prendendo e assassinando líderes e ativistas mais influentes. Além da repressão o regime militar trata de minar a combatividade da classe operária, atuando juntamente com os patrões para dividir os trabalhadores. A corrupção é igualmente empregada. Recentemente a oposição sindical denunciou uma falcatrua de 200 mil cruzeiros dissimulada no balancete do Sindicato dos Estivadores de Santos, assim como os elevados salários pagos pelo Sindicato aos seus diretores, cada um dos quais recebia a importância de 52 mil cruzeiros mensais.

Mas a classe operária resiste, procurando as diversas formas de luta para enfrentar o terror e a demagogia dos generais. Repetem-se as greves tipo "tartaruga", as paralisações do trabalho para exigir o pagamento de salários atrasados, as ações coletivas ao nível de secção, as campanhas de antecipação dos aumentos salariais anuais, as jornadas das oposições sindicais contra o arrocho e em defesa da liberdade. Os Sindicatos, sob a pressão das massas, têm reclamado dos governantes medidas para combater as distorsões salariais, demandando a volta dos dissídios coletivos sem interferência do governo, o aumento substancial do salário mínimo. Denunciam também a grave situação que atravessam os trabalhadores. Com frequência cada vez maior ressoa nos meios operários a exigência do direito de greve e de liberdade sindical. Pouco a pouco o proletariado vai unindo suas fileiras na luta contra a ditadura e juntando suas forças às dos demais patriotas e democratas que reclamam o fim do regime de exceção e a plena conquista das liberdades. Atuando com vigor e persistência nos sindicatos, nos bairros proletários e sobretudo nas fábricas, a extensa massa operária dos centros industriais transformar-se-á na base fundamental da oposição popular que há de derrubar a ditadura e erigir um novo regime para o país.

55º ANIVERSÁRIO DO P.C. DO BRASIL

O Partido Comunista do Brasil celebra a 25 de março seu 55º aniversário de fundação. É uma data histórica que assinala uma longa trajetória de árduas e gloriosas lutas.

Em sua atividade ideológica, política e organizativa, durante mais de meio século, o Partido acumulou valiosas experiências. Expressões vivas do processo dialeticamente dinâmico da luta de classes e das lutas libertadoras, das quais nosso Partido tomou parte, estas experiências contém preciosos ensinamentos que contribuem para elevar a consciência dos dirigentes e militantes comunistas na compreensão de suas responsabilidades proletário-revolucionárias de combatentes de vanguarda.

CONTINUIDADE HISTÓRICA

Particular relevo adquire o fato de que o Partido manteve uma continuidade histórica em seus 55 anos de existência. Não foi um caminho fácil nem tranquilo, mas uma senda marcada por lutas sem tréguas contra um regime extremamente reacionário, por lutas abnegadas e sempre ao serviço dos interesses do proletariado e do povo. A história de nosso Partido é constituída de esforços constantes no sentido de atuar politicamente junto às massas trabalhadoras e populares e também de buscar a orientação mais justa para organizá-las e dirigí-las. Não houve interrupções na sua atividade política.

Este fato é, de certo modo, uma singularidade na vida política brasileira. O Partido Comunista do Brasil foi o único partido na História do Brasil que manteve sua existência e sua atuação por cinquenta e cinco anos consecutivos. Não se trata de acontecimento ocasional, fortuito. Resulta de causas objetivas e da interferência de fatores subjetivos. Fruto da necessidade histórica de transformações radicais no desenvolvimento social do país, a presença do Partido impôs-se como exigência inelutável, destacando o papel que deve cumprir a classe operária como força dirigente do processo revolucionário. O Partido expressa as aspirações socialistas do proletariado, o vigor das idéias criadoras do marxismo-leninismo.

O Partido sempre enfrentou contingências adversas. Na vida do nosso Partido não houve uma tradição de legalismo burguês. Ele foi sempre obrigado a viver e lutar na clandestinidade. Raríssimos foram os períodos de relativa legalidade. Ao ter de enfrentar permanentemente a violência de um regime reacionário e a feroz repressão policial, nosso Partido passou por um longo aprendizado de atividade clandestina e da

combinação da atividade ilegal com o trabalho legal e de massas. Esta é uma tarefa difícil que exigiu continuada prática, um constante desafio ao espírito organizativo e criador dos comunistas.

Para assegurar a existência do Partido na clandestinidade e estabelecer simultaneamente vínculos indissolúveis com as massas, capazes de permitir a direção de suas lutas, foi necessário criar sempre formas novas de atuação política. Em sua construção orgânica, a par da fidelidade aos princípios, teve de adotar normas e métodos que lhe possibilitassem crescer e fortalecer-se, defendendo-o, o mais possível, dos golpes da reação ou facilitando sua recuperação no caso de ser atingido pelas forças repressivas. A fim de ajudar a dinamização de movimentos e ações de massas, dos mais diversos tipos, teve de estimular sempre o surgimento de formas novas de aglutinação e de luta no movimento operário e sindical, no movimento popular e camponês, entre os estudantes e a juventude, os intelectuais e artistas.

Nosso Partido, no curso de sua vida, conseguiu êxitos no desenvolvimento do trabalho clandestino, na elaboração e aplicação de formas e meios de hábil combinação e relacionamento da atividade ilegal com a atividade legal. Estes êxitos preservaram a organização partidária, garantiram seus vínculos com as massas e a direção de suas lutas.

Ao longo de seus cinquenta e cinco anos de existência, o Partido mostrou que é uma organização estável e invencível. Nunca houve força capaz de destruí-lo. Os reacionários tudo fizeram para isto, mas nada conseguiram. Dos reveses sofridos, o PC do Brasil saiu sempre mais temperado, mais forte e prestigiado. Mesmo diante de duras provas, manteve viva sua responsabilidade de vanguarda da classe operária e de dirigente do povo brasileiro. Enfrentou vicissitudes, venceu dificuldades, superou debilidades e avançou no cumprimento de suas importantes tarefas.

LUTA SIMULTANEA EM DUAS FRENTES

A experiência acumulada por nosso Partido demonstrou ser absolutamente necessário desenvolver sem cessar o combate em duas frentes – contra o oportunismo direitista e contra o oportunismo de "esquerda" sob todas as suas formas, buscando assegurar a linha revolucionária. Aparentemente contraditórias, tanto as tendências de direita como as de "esquerda" são, em essência, idéias oportunistas porque estranhas ao proletariado revolucionário e ao marxismo-leninismo. Umas expressam idéias burguesas, nacional e social reformistas; outras são produtos de concepções pequeno-burguesas, radicais ou conciliadoras. Um e outro tipo de oportunismo causaram graves danos ao nosso Partido e por isso precisam ser combatidas simultaneamente, sem esquecer, no entanto, que o fogo do ataque deve ser concentrado no principal perigo – o revisionismo contemporâneo, representado no Brasil pela camarilha burguesa de Prestes e seus seguidores.

A luta em duas frentes permite ao Partido manter-se firme no caminho do marxismo-leninismo e enriquecer sua estratégia e tática revolucionárias. É uma lei na construção do nosso Partido. Sempre que se deixou de combater numa dessas frentes, a tendência nociva que ela expressava desenvolveu-se e causou prejuízos.

O fio condutor da atividade revolucionária de nosso Partido foi a luta difícil e complexa pela formulação de uma justa linha política, marxista-leninista, uma estratégia e tática coerentes entre si e consequentemente revolucionárias. Igualmente foi uma luta continuada pela superação de tendências oportunistas de direita e de "esquerda" que ora afloravam ao mesmo tempo, ora apareciam em períodos distintos. Apesar do processo árduo para formular uma estratégia e tática essencialmente marxista-leninista, em nosso Partido jamais coexistiram duas orientações políticas. Nunca se permitiu que tendências opostas à sua linha se cristalizassem. Elas foram combatidas e sempre que os seus portadores persistiram em posições errôneas, que ameaçavam a unidade partidária, acabaram sendo afastados ou mesmo expulsos do Partido. Quando na vida do nosso Partido se definiram claramente duas concepções e duas linhas, por volta de 1960/61, nesse mesmo momento havia surgido um antagonismo ideológico e político irreconciliável e deu-se, em consequência, a grande rutura orgânica. Verificou-se a reconstrução marxista-leninista do Partido Comunista do Brasil, com uma linha revolucionária; e formalizou-se também a existência de um novo partido de tipo social-democrata e nacional reformista – o partido revisionista burguês de Luis Carlos Prestes.

Após a reconstrução marxista-leninista de nosso Partido e a formulação de sua linha programática, em fevereiro de 1962, assim como de sua tática revolucionária, em junho de 1966, jamais foi subestimada a necessidade da luta contra as tendências direitistas e "esquerdista". Ao serem combatidas estas tendências errôneas observou-se que suas matrizes eram, tanto o revisionismo burguês kruchoviano-prestista, de direita, como o revisionismo pequeno-burguês, castrista, de "esquerda". A luta simultânea em duas frentes permitiu ao nosso Partido não cometer erros graves nem cair em posições direitistas ou "esquerdistas" mas manter-se numa justa linha revolucionária e enriquecê-la através de uma coerente e ativa prática política. Por isso, nosso Partido foi capaz de conservar sua fisionomia de autêntica vanguarda revolucionária marxista-leninista do proletariado brasileiro.

NECESSIDADE DA LUTA IDEOLÓGICA PERMANENTE

A luta ideológica no Partido nem sempre foi encarada como um processo permanente. A verdade, no entanto, é que, se tal não se compreende, surgirá inevitavelmente nas fileiras partidárias ambiente propício ao afloramento de idéias pequeno-burguesas e burguesas. No Partido da classe operária, só deve predominar uma única ideologia – a ideologia proletário-socialista. E isto pressupõe a luta irreconciliável contra a ideologia burguesa nas suas diferentes formas e variados matizes. Nesta luta entre a ideologia proletário-socialista e a ideologia burguesa e suas derivações pequeno-burguesas não pode haver conciliação alguma nem concessões ideológicas de qualquer espécie. Foi difícil para o nosso Partido compreender a necessidade da luta ideológica permanente, as características específicas deste tipo de luta de classes, suas diferenças e suas relações com a luta política e as formas de luta econômico-sociais.

Na história do nosso Partido, anterior a 1962, houve momentos em que a luta ideológica foi confundida com a luta política e até com a luta econômico-social, ora abastardando aquela, ora provocando nestas a estreiteza esquerdista e sectária nas

alianças e mesmo no seio da classe operária. Noutros momentos subestimou-se a importância fundamental da luta ideológica sob o pretexto de que toda a atividade do Partido deveria estar voltada inteiramente para a luta política e para a luta econômico-social, a fim de que se pudesse desenvolver melhor a unidade sindical da classe operária e o trabalho de frente-única. Noutras ocasiões imaginou-se que os esforços feitos para assimilar os princípios do marxismo-leninismo e as idéias do Programa do Partido eram por si mesmos suficientes para assegurar ao Partido um sólido arcabouço ideológico sem que se compreendesse a necessidade de ser desenvolvida simultaneamente a luta contra as manifestações ideológicas de origem pequeno-burguesa e burguesa e contra as falsas teorias que tiveram curso nas fileiras partidárias em diversos períodos de sua vida. Também imperou durante certo tempo a compreensão de que a luta contra os desvios e as tendências oportunistas de direita e de "esquerda" na linha do Partido seria o bastante para se alcançar a pureza ideológica nas fileiras partidárias. Por muito tempo não se compreendeu toda a importância dos ensinamentos de Lênin sobre o papel organizador e orientador da ideologia proletário-socialista no Partido. Disto resultou um ambiente de concessões e de conciliações no plano ideológico, a coexistência da ideologia proletário-socialista com idéias pequeno-burguesas e burguesas, ocasionando reais prejuízos ao Partido, ao movimento operário e à revolução brasileira.

Após a sua reconstrução, em 1962, com base na luta dos marxistas-leninistas contra os revisionistas kruschovianos, nosso Partido não tem cessado de combater as concepções estranhas à ideologia proletário-socialista. Ao buscar assimilar criadoramente o marxismo-leninismo e colocá-lo a serviço da prática revolucionária, não desligou estes esforços da luta ideológica nem da luta política. Assim fazendo, tem se temperado ideologicamente e buscado ganhar as massas para suas posições políticas revolucionárias.

UM PARTIDO COMUNISTA DE TÊMPERA HERÓICA

Ao comemorar o seu 55º aniversário de fundação, o Partido Comunista do Brasil inclina suas bandeiras de combate em honra dos camaradas tombados nos vários campos de batalha da luta de classes. Rende homenagem também aos que se mantiveram a vida inteira no seu posto de luta, aos milhares de simples e modestos militantes, heróis anônimos do Partido. Seus exemplos são fonte de inspiração e incentivo para prosseguir sem desfalecimentos na causa revolucionária que souberam honrar e engrandecer.

Muitos são os comunistas que se empenharam sem nenhuma restrição e sem nunca dizer *não*, na aplicação da linha do Partido, quer atuando na clandestinidade, quer na atividade de massas, nas cidades ou no campo. São inúmeros os que enfrentaram corajosamente as armas assassinas e as torturas selvagens da repressão militar e policial, tanto nos cárceres como nas greves operárias, nos embates camponeses, nas manifestações estudantis, nas demonstrações de rua e nos combates armados. Um exemplo destacado de firmeza, abnegação e bravura deram os valentes combatentes do Araguaia.

É uma admirável proeza o Partido ter mantido viva a chama da revolução e do socialismo no Brasil por 55 anos ininterruptos. Firmou-se como um Partido de projeção nacional e de prestígio entre as massas trabalhadoras e populares. Proclamando seus

objetivos revolucionários, comprovando sua disposição de levá-los à prática e dando provas de que suas palavras se identificam com seus atos, o PC do Brasil mostrou ser o mais autêntico dos partidos políticos já existentes no Brasil. É a expressão viva dos interesses fundamentais e das aspirações revolucionárias de milhões de proletários, de explorados e oprimidos.

O Partido Comunista do Brasil levará adiante a causa da revolução, persistirá nela até o fim. Procurará cumprir o seu papel de vanguarda e servir de todo coração ao proletariado e ao nosso povo. Por mais difíceis e duras que sejam as contingências da luta, tem plena confiança na vitória final.

MENSAGENS DE CONDOLÊNCIAS DOS PARTIDOS IRMÃOS

Publicamos, em continuação, as mensagens de condolências enviadas pelos Partidos marxistas-leninistas ao P.C. do Brasil por motivo da morte dos camaradas Pedro Pomar, Ângelo Arroio e João Batista Drumond, vítimas da repressão sanguinária da ditadura militar-fascista.

DO P.C. (m-l) da ARGENTINA

Ao Comitê Central do Partido Comunista do Brasil

Queridos Camaradas

Com profunda dor tomamos conhecimento do assassinato, pelas forças repressivas da ditadura que oprime vosso povo, dos queridos camaradas e membros desse Comitê Central, Pedro Pomar, Ângelo Arroio e João Batista Drumond.

Pouco depois que esta dura notícia chegara à Argentina, nosso Comitê Permanente lhes enviou sentido telegrama de condolências e solidariedade. Queremos, agora, fazer nossas essas expressões, transmitindo-lhes a tristesa e enérgica condenação que esses assassinatos nos despertaram.

A têmpera revolucionária e a experiência dos camaradas tombados eram de tal magnitude que sua perda comove não apenas seu querido Partido, o heróico P.C. do B, senão que a todo o movimento comunista internacional, em particular a seus Partidos latino-americanos. Nós, em especial, guardaremos uma recordação inapagável do camarada Pomar que contribuiu, pessoal e decisivamente, ao estabelecimento das fraternas relações que imperam entre nossos Partidos, baseados no marxismo-leninismo e no internacionalismo proletário. Ainda que as ditaduras que se abatem sobre nossos países se lancem ferozmente sobre nossos Partidos, como o fazem, não alcançarão seus imundos propósitos. Nada nem ninguém poderá deter a luta de nossos povos, de nossos proletariados, de nossos Partidos pela expulsão do imperialismo ianque e o desbaratamento de qualquer outro intento de dominação estrangeira; pela liquidação dos monopólios e reforma agrária radical; pela conquista do Poder, e, com ele, da liberdade e da democracia efetivas. Nas lutas vigorosas e decisivas, como as que estão empenhados nossos Partidos, sabemos, por experiência própria, que os sacrifícios e os golpes são frequentes.

Este golpe foi muito forte, porém mais forte é a nossa confiança em vocês e, nos demais militantes que formam o destacamento de vanguarda da classe operária brasileira, o Partido que guia a luta do povo brasileiro pela libertação nacional e pela democracia popular. Temos certeza que estreitarão suas fileiras, que porão em tensão suas forças e que saberão preencher com honra os postos dos camaradas que acabam de entregar suas vidas à revolução. Sabemos que a firmeza de princípios e a determinação revolucionária do PC do Brasil sairão retemperadas e não enfraquecidas do golpe que acabam de sofrer. Das entranhas do povo brasileiro, cedo ou tarde, surgirão as energias que hão de derrubar a ditadura pela força das armas e que ajustarão contas com os assassinos de Pomar, Danielli, Arroio, Oest e tantos outros comunistas, patriotas e democratas.

Como vocês sabem, neste, como em qualquer outro momento, está a vossa disposição toda a solidariedade de que sejamos capazes.

Viva o exemplo heróico dos camaradas Pomar, Arroio e Drumond!
Honremos sua enorme contribuição à defesa do marxismo-leninismo e do movimento comunista internacional!
Viva o heróico Partido Comunista do Brasil!
Viva a unidade de princípios e a amizade proletária do Partido Comunista do Brasil e do Partido Comunista (m-l) da Argentina!

O Comitê Central do Partido Comunista (m-l) da Argentina
30.1.77

DO P.C. da COLÔMBIA (m-l)

Ao Comitê Central do Partido Comunista do Brasil

Queridos Camaradas

O Comitê Central do Partido Comunista da Colômbia (m-l), interpretando fielmente os sentimentos de nossos militantes, dos autênticos revolucionários e patriotas colombianos, expressa ao Partido irmão sua profunda dor pelo brutal assassinato dos camaradas Pedro Pomar, Ângelo Arroio e João Batista Drumond, membros do Comitê Central do Partido Comunista do Brasil, ao mesmo tempo que manifesta sua profunda preocupação pela vida dos demais camaradas presos pelos bandos criminosos da ditadura.

As bandeiras proletárias de nossas organizações se tingem uma vez mais com o sangue dos combatentes populares. A ditadura militar de Geisel arremete desesperadamente, utilizando os métodos mais criminosos contra a vanguarda proletária brasileira; com isto pretende deter o vigoroso processo de luta pela libertação nacional, pela democracia popular e pelo socialismo, sob a direção do Partido Comunista do Brasil.

O povo e o Partido Comunista do Brasil contam com valiosa e combativa tradição de luta e nem o imperialismo norte-americano nem a ditadura terrorista de Geisel ou

qualquer inimigo externo e interno poderão barrar o avanço da luta revolucionária. Estamos convencidos de que o Partido irmão, fiel ao marxismo-leninismo e à sua linha política, saberá superar as dificuldades, persistir na luta e continuar na direção do processo revolucionário até conquistar a vitória sobre todos os inimigos.

O imperialismo norte-americano, principal inimigo dos povos latino-americanos, apoiando-se nas ditaduras sanguinárias abertas ou camufladas, mantém na mira do seu fuzil os autênticos revolucionários, e em primeiro lugar aos marxistas-leninistas, enquanto tolera e permite a ação dos revisionistas e oportunistas de distintos matizes. Não é estranho, assim, que a brutal repressão contra o povo brasileiro concentre-se nas tentativas de destruir o Partido irmão e, em particular, os seus mais destacados dirigentes.

Também em nosso país o tirano e títere de plantão, Alfonso López Michelsen, dirige a mais feroz repressão especialmente contra o nosso Partido e simultaneamente trata de levantar esfarrapadas bandeiras demagógicas para confundir as massas.

Esta situação, comum a toda a América Latina, é expressão da profunda crise econômica, política, social, militar, cultural, etc; que atravessa o sistema capitalista em geral, em particular, o imperialismo norte-americano e por extensão as economias dos países dependentes. As oligarquias latino-americanas não podem solucionar esta situação e em consequência vêm-se obrigadas a utilizar a repressão mais violenta contra os povos de seus respectivos países. O assassinato, a prisão, as torturas, a perseguição são parte dos métodos fascistas dos regimes ditatoriais que tentam calar dessa forma, a mais leve manifestação de descontentamento.

As contradições sociais se aguçam em todo o mundo, em particular no nosso Continente. Desenvolve-se a luta dos povos por sua libertação, ao mesmo tempo que nossos inimigos comuns se conluíam ou se disputam visando sempre a combater-nos. O social-imperialismo soviético faz desesperados esforços a fim de penetrar no quintal do imperialismo norte-americano para com ele competir e disputar-lhe a hegemonia no subcontinente. Conta para isto com seus agentes nos distintos países, tais como as camarilhas revisionistas e oportunistas.

Mas diante desta situação, os autênticos comunistas, apetrechados com o marxismo-leninismo, estão dispostos a aprofundar a luta contra as superpotências e a persistir firmemente à frente de nossos povos a fim de dirigi-los para conquistar o poder através do caminho da luta armada, num processo de guerra popular prolongada.

Laços de estreita unidade combativa unem os nossos Partidos irmãos e sentimos os golpes dados nos camaradas como se fossem em nós próprios, o que faz aumentar o ódio contra os nossos inimigos comuns. Sabemos que a morte dos camaradas Pedro Pomar, Ângelo Arroio e João Batista Drumond soma-se à lista dos combatentes proletários que deram sua vida heroicamente sem trair os elevados interesses do proletariado e do povo.

Nosso Partido inclina suas bandeiras ante a morte dos camaradas do Partido irmão e está seguro de que suas elevadas qualidades revolucionárias servirão de inspiração aos revolucionários do mundo.

Ao calor do combate, nossos destacamentos revolucionários se solidarizam com o povo brasileiro e em particular com sua vanguarda esclarecida, o Partido Comunista do Brasil. Estamos plenamente convencidos de que o Partido irmão cerrará ainda mais suas fileiras e poderá converter estes golpes em novas fontes de energias e inspiração.

O Partido Comunista da Colômbia (m-l) e seu braço armado, o Exército Popular de Libertação, comprometidos firmemente no desenvolvimento da guerra popular prolongada e trabalhando tenazmente no fortalecimento de sua base de apoio em construção no Noroeste colombiano, continuará desenvolvendo seus laços de solidariedade e amizade combativa entre nossas organizações. Está certo de que o caminho difícil e zigue-zagueante da revolução será percorrido vigorosamente por nossos Partidos marxistas-leninistas e que apesar das dificuldades a vitória final será nossa.

Fraternalmente
O Comitê Central do Partido Comunista da Colômbia (m-l)
Março 1977

DO P.C. PORTUGUÊS (R)

Queridos Camaradas

Durante a sua 9ª Reunião Plenária (Ampliada), o Comitê Central do Partido Comunista Português (Reconstruído) tomou conhecimento do assassinato, pelas forças repressivas da ditadura militar-fascista brasileira, dos camaradas Pedro Pomar, Ângelo Arroio e João Batista Drumond, destacados dirigentes do vosso Partido. Este acontecimento dá-se precisamente quando o falso socialista Mário Soares, chefe do governo português, visita o Brasil para negociar com os generais fascistas e para apertar as suas mãos tintas de sangue de milhares de comunistas e democratas brasileiros.

A nossa reunião foi interrompida por um minuto de silêncio em sentida homenagem aos camaradas caídos na luta. Além disto, o Comitê Central do PCP(R) deseja manifestar ao Comitê Central e a todo o Partido Comunista do Brasil a sua estreita solidariedade nesta hora de dor, o seu profundo respeito pela memória dos camaradas assassinados, o seu desejo inquebrantável de seguir este exemplo de dedicação total e sem limites à causa do proletariado, da revolução, do socialismo e do comunismo.

Vínculos fortes nos unem ao vosso Partido. Nunca esqueceremos o inesquecível apoio e colaboração que, desde há muito, temos de vós recebido, de forma fraternal e internacionalista. Nunca esqueceremos o exemplo que nos é dado pela história do Partido Comunista do Brasil, exemplo de luta revolucionária e consequente, de firmeza e rigor marxistas-leninistas, de coragem e abnegação sem limites de inúmeros mártires e heróis. Exemplo este que faremos o possível por estudar, compreender e assimilar para ficarmos melhor armados para vencer os obstáculos que se nos colocam no caminho da revolução.

As forças fascistas e repressivas julgam que liquidam um Partido marxista-leninista, vanguarda e guia do proletariado, assassinando os seus melhores militantes. Julgam que

atemorizam a classe operária e as massas populares e que podem assim paralisar a marcha da revolução. Mas enganam-se profundamente! Por cada camarada caído na luta, muitos se erguem com vigor redobrado. Cada assassinato torna mais intenso na classe operária e no povo o ódio mortal aos seus inimigos, a solidariedade proletária que nos une e o desejo ardente de avançar até à vitória final. Quando os fascistas assassinam um camarada nosso, quando enterram um comunista, não enterram cadáveres – enterram sementes da seara vermelha da revolução!

HONRA AOS CAMARADAS TOMBADOS!
VIVA O PARTIDO COMUNISTA DO BRASIL!

Lisboa, Dezembro de 1976
A 9ª Reunião Plenária (Ampliada)
do Comitê Central do Partido Comunista Português (Reconstruído)

DO P.C. da ALEMANHA (m-l)

Queridos camaradas

Participamos do vosso pesar pela queda dos camaradas Pedro Pomar e Ângelo Arroio, membros da Comissão Executiva do Comitê Central, e do camarada João Batista Drumond, membro do Comitê Central do Partido Comunista do Brasil, na luta contra a ditadura fascista e expressamo-vos o nosso profundo pesar pela grave perda sofrida pelo vosso Partido com a morte desses vossos destacados dirigentes.

Ao serviço do imperialismo norte-americano, a ditadura militar-fascista desencadeou uma onda de terror contra os melhores filhos do povo brasileiro, contra todos os que lutam pela liberdade para o povo. O regime militar tenta prolongar a sua vida por meio do assassínio e do terror, das torturas e prisões, da feroz opressão do povo. Esse regime parece forte, mas na realidade é fraco. O bando de assassinos que oprime o povo brasileiro jamais conseguirá afogar em sangue a luta popular.

Ele nunca conseguirá aniquilar o glorioso Partido Comunista do Brasil, que luta pela Liberdade do Povo, pelos seus interesses nacionais, contra a ditadura fascista, contra o imperialismo e o revisionismo, fiel ao marxismo-leninismo, pelo ideal do comunismo.

Guardaremos sempre na memória os camaradas que caíram na luta revolucionária.

Fraternais saudações comunistas
Comitê Central do KPD (M-L)
O Presidente do CC